

OS DESAFIOS À EUROPA IMPOSTOS PELO ESTADO ISLÂMICO

THE CHALLENGES IMPOSED TO EUROPE BY THE ISLAMIC STATE

LOS DESAFÍOS IMPUESTOS A EUROPA POR EL ESTADO ISLÁMICO

FRANCISCO XAVIER FERREIRA DE SOUSA¹

RESUMO

O Estado Islâmico tem aterrorizado o mundo com sua barbárie, trazendo à sua memória o opróbrio que o estigmatizou e foi perpetrado na primeira metade do século passado, sob o epíteto de políticas sectárias e hegemónicas. Conjugando práticas do passado com técnicas modernas, o Estado Islâmico tem procurado conquistar seu califado, desejando a ocorrência dos acontecimentos apocalípticos, com a esperança de que o final dos tempos esteja próximo. Com uma ideologia baseada no radicalismo religioso, o Estado Islâmico procura afirmar-se como a única entidade capaz de purificar o mundo, através da eliminação dos impuros. Sua causa tem atraído um elevado número de jovens que procuram aquilo que a sociedade em que cresceram, não lhes soube, ou não foi capaz, de lhes dar. As soluções dos problemas vigentes têm de ser encontradas e implementadas na conjugação dos esforços do mundo, envolvendo todos os países, sem se olhar a religiões ou a culturas. É preciso compreender o que estamos a presenciar, para podermos equacionar os desafios que resultam das ameaças que emanam do Estado Islâmico, e encontrar as linhas de ação estratégicas que, mais do que a destruição pela atrição dessa entidade, façam o seu aniquilamento por implosão. Sempre com a consciência de que esta não é uma guerra religiosa. É antes uma guerra contra o terror, a intolerância e o radicalismo.

Palavras-chave: Terrorismo. Jihadismo. Estado Islâmico. Operações militares. Guerra ao terror.

ABSTRACT

The Islamic State has been terrorizing the world with its barbaric actions, bringing to mind the ignominy that stigmatized it, and that was perpetrated in the first half of last century, under the epithet of sectarian and hegemonic policies. Combining practices of the past and modern techniques, the Islamic State has been attempting to conquer its caliphate, wishing for apocalyptic events, expecting that the end of times is near. With an ideology based on religious radicalism, the Islamic State tries to establish itself as the sole entity capable of purifying the world, by wiping out the impure. The ISIS cause has attracted a large number of young people looking for things the society where they grew did know how, or was unable, to give them. Solutions to current problems must be found and implemented by joint efforts from all countries, without distinction of religion or culture. It is just by understanding the facts we are witnessing that we will be able to handle the challenges posed by the threats the Islamic State represents, and find strategic lines of action, which more than destruction by confrontation with this entity, will lead to its annihilation by implosion. Never forgetting that this is not a religious war. More than anything else, it is a war on terror, intolerance and radicalism.

Keywords: Terrorism. Jihadism. Islamic State. Military Operations. War on Terror.

RESUMEN

El Estado Islámico ha estado aterrorizando al mundo con su barbarie, trayendo a su memoria el oprobio que lo estigmatizó y que fue perpetrado en su primera mitad del siglo pasado, bajo el epíteto de políticas sectarias y hegemónicas. Conjugando prácticas del pasado con técnicas modernas, el Estado Islámico ha buscado conquistar su califato, deseando que sucedan acontecimientos apocalípticos, con la esperanza de que el final de los tiempos esté cercano. Con una ideología basada en el radicalismo religioso, el Estado Islámico trata de afianzarse como la única entidad capaz de purificar el mundo, a través de la eliminación de los impuros. Su causa ha atraído a un elevado número de jóvenes que buscan aquello que la sociedad en que crecieron, no supo, o no fue capaz, de darles. Las soluciones de los problemas vigentes tienen que ser encontradas e implementadas en la conjugación de los esfuerzos del mundo, involucrando todos los países, sin considerarse las religiones o las culturas. Es necesario comprender lo que estamos presenciando, para poder examinar los desafíos que resultan de las amenazas emanadas del Estado Islámico, y encontrar las líneas de acción estratégicas que, más que la destrucción por el desgaste de esa entidad, consigan su aniquilamiento por implosión. Siempre con la conciencia de que esta no es una guerra religiosa. Es ante todo una guerra contra el terror, la intolerancia y el radicalismo.

Palabras clave: Terrorismo. Yihadismo. Estado Islámico. Operaciones militares. Guerra al terror.

¹ Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM) - Lisboa, Portugal.

E-mail: <fxsousa@gmail.com>

Mestre em Ciências Militares (AM - Portugal)

Pesquisador associado do CISDI.

I INTRODUÇÃO

O Ocidente apercebeu-se, em 05/06/2014, que o Estado Islâmico (EI), anteriormente denominado Estado Islâmico do Iraque e do Levante, existia e não era a *Al Qaeda*. Nessa data, *Abu Bakr al-Baghdadi*, seu líder desde maio de 2010, num sermão, na Grande Mesquita de *al-Nuri*, em Mossul, autoproclamou-se Senhor do Califado. Desde essa data, o IS, também conhecido por *Daesh*, tem atraído adeptos de todo o mundo, em número e a velocidades assustadoras.

O *Daesh* tem suscitado interrogações e incompreensões, mesmo dos muçulmanos. O Islamismo tem vários ramos e o *jihadismo* não é homogêneo. Por isso, para se compreender o *Daesh* tem-se de entender a sua essência. Os seus seguidores interpretam o Alcorão à letra, sem ter em conta o quando foi redigido. Logo, o que defendem não é o que defende quem tem outras interpretações do que lê. E as suas condutas pautam-se pela letra do Livro Sagrado. Conhecendo-o profundamente, os seguidores do *Daesh* acreditam na guerra apocalíptica entre o bem e o mal, vendo-se como “os eleitos”. A sua própria indumentária não é folclore e demonstra o que acreditam. Transmite-lhes a vontade de se sentirem próximos do século VII, época áurea do Islamismo.

O IS não é reconhecido como um Estado. É antes uma organização que professa o Islamismo, de uma forma ultraconservadora. Enquanto a *Al Qaeda* tem uma organização flexível, celular e autónoma, sem territorialidade ou fronteiras, a IS necessita de território, de uma organização hierarquizada e perfeitamente definida, constituída por uma estrutura militar e outra destinada a exercer as funções de Estado. Mas então, possuindo um povo, uma organização política e um território, porque não se reconhece o estatuto de Estado ao IS? Porque o território que controla não é dele e os seus simpatizantes não são o seu povo, por o IS não poder conferir cidadania.

O IS não é uma organização terrorista, pois, apesar de não descurar as práticas e táticas terroristas, possui um exército, pretendendo conquistar terreno. É, antes, uma organização dogmática, com condutas enformadas numa profunda religiosidade identitária. Os seus seguidores defendem que a paz não é imperativa, antes ansiando pela “batalha final”, na qual são agentes e vencedores. Eles necessitam, por questões ideológicas e religiosas, de um califado, de territorialidade, de combater o inimigo vendo-o “olhos nos olhos”, de declarar a guerra santa (*Jihad*). A sua interpretação religiosa não permite acordos de paz permanentes, nem fronteiras definidas², nem Organizações Internacionais, como a ONU, pois isso seria admitir a limitação do poder divino ou que há outro poder para além deste, o que é apostasia. Aliás, para o IS o âmbito da “apostasia” é proporcionalmente mais alargado do que o do “pecado”. É na diferença entre o

que é “apostasia” e o que é “pecado” que a *Al Qaeda* se afasta do IS, não o reconhecendo, e que este ridiculariza aquela, considerando-a apóstata. E esta diferença que os afasta tem beneficiado o mundo, por dividir a ameaça. Uma diferença gerada no fervor religioso do IS, que tem assustado o mundo de hoje.

As intervenções americanas no Afeganistão, em outubro de 2001, no Iraque, em março de 2003, e na Líbia, de 19/03/2011 até 27/03/2011, data em que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) assumiu a missão³, alteraram o Médio Oriente e o Norte de África. Elas, apesar de recentrarem a dimensão social no dístico árabe, quebram precários equilíbrios políticos então existentes, dilataram e tornaram mais pungentes algumas ameaças já sentidas ou implícitas, geraram resistências árabes e atraíram ou produziram grupos *jihadista* à região, emanantes de combatentes para diversos continentes, dispostos a lutar e morrer, por ideais religiosos incompreensíveis para o cidadão comum ocidental. Foi, em certa medida, a incompreensão pelo Ocidente, dos contextos em que quis intervir, que gerou as oportunidades para o surgir do que hoje assistimos no Médio Oriente e na Líbia.

Este trabalho pretende enunciar quais os desafios impostos à Europa pelo EI, alargando o campo de análise ao Médio Oriente e ao Norte de África, palcos preferenciais e da presença do *Daesh*. Com ele pretende-se, ainda, identificar as linhas da ação (LA) estratégicas europeias para o debelar da ameaça do IS.

No nosso percurso metodológico, iremos: estudar a anatomia da ameaça; dissecar os desafios que são colocados à Europa pelas componentes dessa ameaça; consequentemente, procurar-se-á visualizar as LA a implementar pela Europa, numa estratégia de combate à ameaça.

Neste trabalho, consideraremos as seguintes definições conceptuais:

- Desafio – “São propósitos ou realidades com que atores, estatais ou não estatais, se confrontam, em continuidade, exigindo-lhes linhas de ação, lógicas e estruturadas, enquadráveis nos planos político, psicológico, económico, social e militar, para lhes fazer frente ou explorá-las, podendo constituir-se como ameaças, riscos ou oportunidades.” (SOUSA, 2014, p. 85).

- Ameaça - “Uma ameaça é o produto de uma possibilidade por uma intenção.” (COUTO, 1988, p. 172).

- Ameaças à segurança internacional - “Qualquer evento ou processo que conduza à morte em larga escala ou à diminuição das oportunidades de vida e prejudique os Estados enquanto unidades básicas do sistema internacional...” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2004, p. 23).

³ A OTAN interpretou amplamente a resolução 1973 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CS/ONU) que, apesar de só permitir a proteção do povo líbio, justificou os ataques a forças terrestres líbias, influenciando potenciais relativos de combate e facilitando a morte de Kadhafi.

² O califa deve procurar continuamente alargar o califado.

2 ANATOMIA DA AMEAÇA

A origem de todas as ameaças provenientes do IS encontra-se no seu radicalismo religioso. É esse fervor que o torna mais assustador que a própria *Alqaeda*.

O IS reconhece como um dos seus fundadores, *Abu Mussab al-Zarqawi*, discípulo do mentor da *Alqaeda*, o salafista⁴ *Abu Muhammad al-Maqdisi. Zarqawi*, no Iraque, entre 2003-2006, extravasou os ensinamentos do seu mestre, nomeadamente no que diz respeito aos conceitos de “infidel” e de “abjurção”, transferindo parte do abarcado no conceito de “pecado” para o de “apostasia”, atenuando a fronteira entre estes dois conceitos (WOOD, 2015, p. 15-16). Assim, a venda de álcool, o votar ou a produção de legislação passaram a ser, para *Zarqawi*, “apostasia”. E, pelo Alcorão, a pena para tal é a morte.

O IS, sendo sunita, tolera outras religiões, desde que quem a professe pague tributo e se subordine aos muçulmanos. Não tolera, contudo, os reparos à sua religião, à sua lei (*Sharia*) ou os muçulmanos que abandonem o Islamismo ou venerem túmulos ou imagens. Esses são os apostatas, por renegarem a Palavra dos Escritos e, portanto, merecem a morte. A IS tem generalizado essa acusação, procurando a purificação do mundo, também pela morte dos apostatas.

A afirmação de que o *Daesh* não é islâmico⁵ e/ou afirmar que a religiosidade tem igual valor no Médio Oriente e no Norte de África que tem na Europa, é renegar o óbvio e não querer fazer os diagnósticos certos. O IS é islâmico e o contexto da religião nas sociedades daquelas regiões têm importância crucial. O problema não está nisso, mas sim no radicalismo. Este radicalismo considera que a mudança provoca a iniquidade das oportunidades, a humilhação na sociedade ou a exploração das terras muçulmanas. A mudança pode implicar inovação, e inovar significa admitir para além do que está escrito no Livro, o que pode configurar apostasia. E é respaldando-se no sentido literal do que está escrito, que o *Daesh* aceita penas consideradas do passado pelo Ocidente, como a escravatura sexual, a decapitação, o deparar de membros e a crucificação. Se o seu opositor não for apostata, por não ser muçulmano, então pode ser escravizado. Essa idiosincrasia tem vulgarizado o terror, pela utilização quotidiana daqueles instrumentos, mostrada ao mundo via poder digital. Essa vulgarização está, ainda, patente na ameaça recorrente da IS contra o Ocidente, veiculada nos media e redes sociais, de conquistar Roma e escravizar as mulheres ocidentais, nesta geração ou na geração dos seus filhos e netos (WOOD, 2015, p. 16), ilustrando, assim, a sua convicção e determinação em atingir esse objetivo, admitindo o prolongamento do seu esforço para tal.

Aquelas práticas culturais e feudais, no pretérito,

⁴ O salafismo é um ramo do sunismo que interpreta à letra as Escrituras.

⁵ Obama afirmou, em 10/09/2014, “Now let’s make two things clear: ISIL is not “Islamic.”... And ISIL is certainly not a state...” (OBAMA, 2014).

serviam para desmoralizar o opositor e, no caso da escravatura, como tributos de guerra. Incrivelmente estão acontecendo hoje. O *Daesh* usa-as como pressão psicológica e física para dominar pelo terror, difundindo ao mundo assassinatos com requintada malvadez, como seja queimar vivo, em 03/01/2015, o piloto jordano ejetado do avião atingido no Iraque pelo IS, ou a degolação, em 15/02/2015, dos 21 cristão coptas na Líbia, ou do inglês David Haines, em 13/09/2014. O terror serve os intentos do IS, procurando, com ele, a vitória rápida e a provocação do outro, para intervir numa “batalha final”. Segundo o *Daesh* a escravização sexual das mulheres politeístas e pagãs podem e devem acontecer, sendo “... um dos «sinais da hora, assim como uma das causas de al-Malhalah al-Kubra» a derradeira batalha que ocorrerá em Dabiq...” (STERN; BERGER, 2015, p. 251).

O IS manipula a comunicação social, nomeadamente a plataforma digital, as redes sociais, a imagem, a voz e a letra, chegando a toda a parte, difundindo a sua propaganda e mensagem. Através desses instrumentos de poder, um número limitado de aderentes à causa, parecendo ser profissionais competentíssimos, patenteando conhecimentos de marketing, de gestão da imagem, de comunicação e de redes sociais, cativam, com persuasão, a atenção de muitos cidadãos no mundo. E o Ocidente, com as suas regras liberais, nomeadamente as relacionadas com a liberdade de comunicação/expressão e com o direito à reserva da identidade, está vulnerável àquela propaganda do IS. Essa manipulação tem funcionado como potente meio de recrutamento, aumentando o número e o ecletismo de *jihadistas*. Existe, assim, uma curiosa convivência entre as práticas do pretérito e o usufruto de tecnologia moderna.

A sociedade árabe está organizada em torno de tribos, não sendo de estranhar que facilmente se adaptem às redes sociais, pois estas, na essência, baseiam-se no princípio da tribo. Contudo, as redes sociais exploradas pelo IS visam atrair não só árabes, extrapolando-se para lá dos territórios sob o seu controlo.

Não é conhecido o número certo de combatentes do IS. Num artigo, de 26/01/2015, *Peter R. Neumann*, diretor do prestigiado Centro Internacional para os Estudos sobre Radicalização e Violência Política (ICSR) refere que, segundo a última estimativa desse Organismo, os combatentes sunitas, na Síria/Iraque, atingiam os 20.730, sendo um quinto provenientes da Europa Ocidental (NEUMANN, 2015). Esse autor afirma ainda, baseando-se em dados fiáveis de catorze países, que o número de combatentes oriundos da Europa Ocidental atingiu quase 4.000, duplicando o estimado em dezembro de 2013, vindo a maior parte dos países com maior dimensão territorial (França, Reino Unido e Alemanha). Considerando a dimensão populacional, os países mais contributivos são a Bélgica, a Dinamarca e a Suécia. Já o Médio Oriente contribuiu com até 11.000 combatentes para esse efetivo e os países da ex-União

Soviética contribuíram com cerca de 3.000 efetivos (Ibidem). Na tabela seguinte constata-se o total de número de combatentes, por país da Europa Ocidental, que, até final de 2014, imigraram para aquela região⁶, e o número máximo de combatentes por milhão de habitantes de cada um deles.

Tabela 1. Número de combatentes de países da Europa Ocidental no Iraque e Síria

País	Estimativa	Combatentes por milhão de habitantes
Alemanha	500-600	7.5
Áustria	100-150	17
Belgica	440	40
Dinamarca	100-150	27
Espanha	50-100	2
Finlândia	50-70	13
França	1200	18
Holanda	200-250	14.5
Irlanda	30	7
Itália	80	1.5
Noruega	60	12
Reino Unido	500-600	9.5
Suécia	150-180	19
Suíça	40	5

Fonte: Neumann (2015).

Na tabela 2 figura o total de combatentes oriundos de países não pertencentes à Europa Ocidental, que, até final de 2014, imigraram para a Síria/Iraque.

Tabela 2. Número acumulado de combatentes de países fora da Europa Ocidental no Iraque e Síria

País	Estimativa
Afeganistão	50
Albania	90
Arábia Súdita	1500-2500
Argélia	200
Austrália	100-250
Bahrain	12
Bósnia	330
Canadá	100
Casaquistão	250
Catar	15
China	300
Egito	360

⁶ Encontrando-se a grande parte nas fileiras do IS.

País	Estimativa
Emirados Árabes Unidos	15
EUA	100
Iémen	110
Israel/Territórios Palestinos	120
Jordania	1500
Kosovo	100-150
Kuwait	70
Líbano	900
Líbia	600
Macedonia	12
Marrocos	1500
Nova Zelândia	6
Paquistão	500
Quirguistão	100
Rússia	800-1500
Sérvia	50-70
Somália	70
Sudão	100
Tajiquistão	190
Tunísia	1500-3000
Turquemenistão	360
Turquia	600
Ucrânia	50
Uzbequistão	500

Fonte: Neumann (2015).

Ainda segundo Peter R. Neumann, cinco a dez por cento desses combatentes já morreram e dez a trinta por cento regressaram aos seus países ou estão em trânsito (NEUMANN, 2015). Os intervalos dos valores apresentados mostram a incerteza sobre os efetivos reais.

As estimativas referidas conferem a percepção sobre o volume de recrutamento *jihadista* na Europa. Nesse recrutamento também intervêm redes de recrutadores e ideólogos doutrinadores. Algum do doutrinamento faz-se nas prisões, como aconteceu com Chérif Kouachi e Amedy Coulibaly, dois dos terroristas que atentaram, em 07/01/2015, em França. O primeiro afirmava-se como combatente do IS e o segundo como pertencente à *Al Qaeda* da Península Arábica. Eles estiveram presos em *Fleury-Mérogis*, em França, privando com Djamel Beghal, *jihadista* preso por participação, em 2001, no planeamento do ataque à embaixada dos Estados Unidos, em Paris (LORENA, 2014). É preocupante que a formação de potenciais *jihadistas*, pelo doutrinamento no radicalismo, esteja a ser feito no próprio local onde os doutrinadores estão a cumprir pena, por terrorismo.

O doutrinamento acontece, ainda, nas *madrassas* e nas *Darul Uloom*, ambas escolas alcorânicas, ministrando as últimas um ensino de nível superior. Algumas dessas

escolas alcorânicas orientam-se pelo *Wahhabismo*/Salafismo, recrutando e preparando seguidores do IS. Aquelas escolas prestam, ainda, apoio social a muitos muçulmanos, educando crianças e jovens, formatando ideários e comportamentos.

O grande fluxo, para a Síria/Iraque, de combatentes europeus, confere multinacionalidade ao IS, sem lhe conferir o sentido de Pátria. Para o muçulmano o sentido de unidade (*ummah*) difere do conceito ocidental de Pátria, pois centra-se mais na religião do que na territorialidade. O IS espera constituir uma sociedade completa (WOOD, 2015, p. 17), através da amplitude do seu recrutamento, garantindo, ainda, a sua unidade. Alguns dos recrutados ocidentais são mulheres, que se oferecem como esposas e/ou combatentes.

Cada um daqueles imigrantes acreditam que, para usufruir plenamente da espiritualidade do Islamismo, há que jurar fidelidade a um califado, tornando-se isso imprescindível para o muçulmano fervoroso. Assim, quando, em 05/06/2014, *Baghdadi* declarou o califado, renasceu em alguns salafistas a esperança na pureza do Islão. O último califado que existiu foi o otomano, que terminou em 1924, com *Mustafa Kemal Atatürk*, não sendo reconhecido pelo IS, pois os califas não pertenciam à tribo do Profeta, denominada *Quraysh*. Para o salafista, o califado é o único governo lícito concebível, constituindo uma entidade política e religiosa, regida pela *Sharia*, com responsabilidades sociais e económicas, como cuidados gratuitos de saúde, de educação e de habitação. Quem não seguir estes princípios pode incorrer em apostasia. Daí o *Daesh* considerar que há governantes, como os da Arábia Saudita, que possam ser apóstatas, por não aplicar na íntegra a *Sharia*, nomeadamente na dimensão social, cobrando por aspetos que deveriam ser gratuitos. Também o falecido rei *Abdullah*, face aos demandos do IS, exortou os *ulemas*, *xeiques* e *imãs* do seu reino a condenarem os atos dos acólitos do *Daesh*, tendo sido declarados por aqueles como inimigos dos muçulmanos e por alguns *wahhabistas* como apóstatas (PINTO, 2015, p. 17-18).

Um califa legítimo deve ser adulto, da tribo *Quraysh*, moralmente íntegro, ter capacidade física e mental e poder reconhecido (WOOD, 2015, p. 17), imperativos reconhecidos pelos membros do IS a *al-Baghdadi*. Para um califa ter poder tem de haver um povo que lhe preste vassalagem e um território onde esse poder seja exercido. Os súbditos, podendo não ser um povo, são atraídos pela causa, por fervor religioso. O território tem-se conquistado, sendo isso, atualmente, o principal esforço do IS.

Em junho de 2014 surgiu, no *Twitter*, um mapa, amplamente partilhado nas redes sociais, mostrando, pretensamente, os territórios pretendidos conquistar, em cinco anos, pelo califado. Esse mapa abarca territórios de Portugal, Espanha, Grécia, do Norte de África, Sahel, sub-Sahel, Médio Oriente e Ásia. Nas redes sociais houve manifestações de apoio e de repúdio e os mapas foram divulgados na comunicação social da maior parte da Europa. Nunca o IS confirmou, explicitamente, os desideratos

expressos naquele mapa. Porém, em 02/07/2014, *al-Baghdadi*, na sua primeira comunicação áudio como califa, apontou a violação dos direitos dos muçulmanos na China, Índia, Palestina, Somália, Península Arábica, Cáucaso, Síria, Egito, Iraque, Indonésia, Afeganistão, Irão, Paquistão, Tunísia, Líbia, Argélia Marrocos, na África Central e na Birmânia, no Oriente e no Ocidente, exortando os sunitas de todo o mundo a encetar a luta sagrada (*jihad*) (VARGHESE, 2014).

Figure 3. Território pretensamente pretendido pelo Califado (publicado em 16jun2014 no Twitter)



Fonte: ThirdPosition (2014).

Em 13/11/2014 *al-Baghdadi* difundiu nova mensagem áudio⁷, pelo *Twitter*, afirmando que: a *jihad* é um dever dos muçulmanos; o IS irá combater até ao último homem; a cruzada da coligação⁸ é um falhanço e que será obrigada a enviar, proximamente, militares contra o IS; a marcha dos combatentes (*Mujahidin*) deve continuar até Roma; aceita a fidelidade de grupos do Líbano, Egito, Argélia e Líbia, passando esses países a ser províncias do IS; os *Mujahidin* devem primeiro limpar a península arábica dos *xiitas*, da família saudita e dos seus soldados e depois atacar os cruzados. Dirigindo-se aos *Mujahidin* do Magrebe, exortou-os a conquistar o território aos secularistas e exigiu que o IS recrute mais combatentes, para provocar erupções de vulcões em todo o mundo (PIETERVANOSTAEYEN, 2014). Este discurso, sem aludir àquele mapa, demonstra as pretensões hegemónicas do IS. Na Figura 2 seguinte encontra-se outra versão daquele mapa, identificando-se as províncias em alfabeto latino. Os dois mapas, não sendo totalmente iguais, ilustram convergência no que deve ser o califado.

A importância da Síria para o IS encontra-se, essencialmente, na dimensão religiosa. A noroeste de *Allep* localiza-se *Dabiq*⁹, identificada na Figura 3 por um círculo vermelho.

⁷ Sobre a mensagem mencionada ver:

PIETERVANOSTAEYEN. Audio Message by Abu Bakr al-Baghdadi – Even if the Disbelievers Despise Such. [S.l.: s.n.], 2014 Disponível em: <<https://pietervanostaeyen.wordpress.com/2014/11/14/audio-message-by-abu-bakr-al-baghdadi-even-if-the-disbelievers-despise-such/>>. Acesso em: 8 maio 2015.

⁸ Constituída por 62 países (GLOBAL-SECURITY, 2015).

⁹ A revista oficial do IS tem este nome.

Figure 2. Território pretensamente pretendido pelo Califado com a denominação das províncias em alfabeto



Fonte: Varghese (2014).

Essa região, atualmente na posse do IS, é, segundo as interpretações do Livro, o local onde o messiânico *Mahdi* conduzirá os muçulmanos à vitória sobre Roma¹⁰. Depois dessa vitória, que o IS quer reivindicar, segundo a crença o vencedor conquistará territórios, surgindo do Irão um líder que o combaterá, reduzindo essa organização a alguns combatentes, concentrados em Jerusalém, vindo Jesus à terra para os conduzir à vitória final (WOOD, 2015, p. 18). Nesta visão apocalíptica, o IS considera que a batalha entre o bem e o mal está próxima, tendo de assumir a sua missão, perpetrando terríficas ações, olhando a coligação que o combate como os “cruzados”. Daí *al-Baghdadi*, no seu discurso 13/11/2014, referir-se a, proximamente existirem tropas dos “cruzados” na região. Serve, tal, para motivar os combatentes do IS.

Alguns combatentes não encontram, no IS, o “paraíso” esperado, tentando afastar-se. Os estrangeiros são vistos pelos combatentes árabes como sendo de “segunda linha” e, até ganharem a confiança destes, tratam das tarefas menores e administrativas da organização. Alguns estrangeiros, aderindo àquele projeto com ideais religiosos, estão imprevistos para a

barbárie encontrada. Outros têm sido confrontados com a dificuldade, momentânea, de pagamento de ordenados. Parte do financiamento do IS resulta do contrabando do petróleo, dos poços na sua posse. O IS não possui equipamento para refinar bem o “petróleo pesado”, por necessitar de tecnologia sujeita a embargos. A coligação tem bombardeado os poços de “petróleo leve”, que pode ser refinado com tecnologia ao alcance do IS. Assim, este tem visto reduzir-se o financiamento dessa fonte. Tal é agravado pela baixa do preço de petróleo, pois reduz o seu contrabando junto das fronteiras turcas. A negação do pagamento dos resgates de raptados e a dificuldade em se vender ilegalmente arte saqueada têm reduzido, ainda mais, o financiamento do IS. A falta de pagamento dos salários, o desencanto e a impreparação têm levado, assim, alguns a desertar. Tem havido relatos de assassinatos, pelo *Daesh*, de membros que o quiseram abandonar. Os salafistas aceitam melhor os que não são muçulmanos do que os desertores, pois consideram que os primeiros ainda não conheceram a “luz” do Islamismo, enquanto os segundos, conhecendo-a, ao afastar-se estão a renegá-la e, assim, são apóstatas. Contudo, alguns conseguem fugir, tentando regressar aos seus países. Outros, sem renegar à organização, procuram contactar as suas famílias e/ou regressar aos seus países. Mesmo que o IS aceite isso, haverá a tendência de considerar esses elementos como pouco convictos e de ânimo esfriado, perdendo a confiança neles. A menos que abandonem a região em missão, o que é uma possibilidade que o Ocidente deve acautelar.

O terror disseminado pelo *Daesh* tem acarretado ondas de refugiados provenientes da Síria, Iraque e Líbia, provocando pressões demográficas em países vizinhos e fluxos para a Europa. Os seus ataques no campo de refugiados palestinos de *Yarmouk*, na Síria, bem como os perpetrados pela facção *Jabhad al-Nusra* e por *Assad*, provocaram debandadas, tendo sido

Figure 3. Localização de Dabiq



Fonte: Google (2015).

¹⁰ Pode materializar o Império Romano do Oriente cuja capital era Istambul, ou os “infiéis”, e, portanto, o Ocidente (WOOD, 2015, p. 18).

condenados, em 30/04/2015 pelo Parlamento Europeu (HUMAN..., 2015). Em agosto de 2014, na ofensiva do IS contra Sinjar, tendo sido escravizadas crianças e mulheres e assassinados homens da etnia *yazidi*, refugiados deste povo fugiram para a Turquia. Na Síria existem mais de 7,6 milhões de deslocadas, havendo cerca de 12,2 milhões de refugiados sírios (PARLAMENTO EUROPEU, 2015, p. 2). No Iraque existem mais de 2,1 milhões de deslocados e cerca de 2,2 milhões de iraquianos necessitam, em áreas controladas pelo IS, de ajuda imediata (Ibidem). A comissão europeia, em fevereiro, identificava que cerca de 276.000 refugiados tentaram entrar ilegalmente na UE, a maior parte pelas rotas do Mediterrâneo (Ibidem), sendo muitos oriundos da Síria/Iraque.

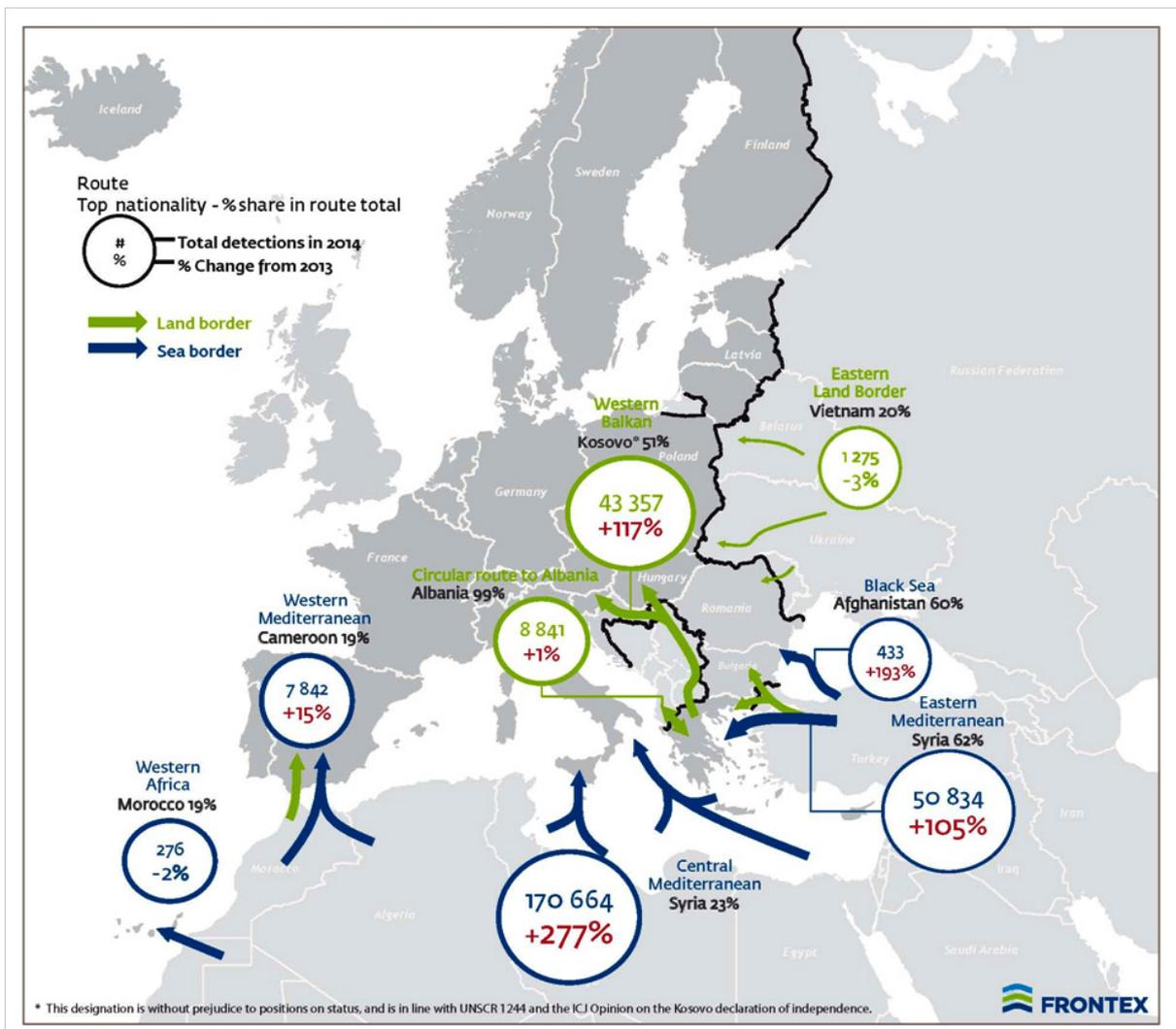
Em 27/04/2015 a agência *Frontex* publicou o relatório de 2014, ressaltando o incremento das migrações através do Mediterrâneo. Da figura seguinte infere-se que as rotas este e central são as mais utilizadas pela emigração ilegal para a Europa, sendo significativas as percentagens de elementos provenientes da Síria.

Esse relatório admite existirem ameaças de

movimentos terroristas, face à atração da Síria sobre combatentes estrangeiros, nascidos na UE ou com dupla nacionalidade (FRONTEX, 2015, p. 49). A Turquia é o corredor privilegiado da migração ilegal entre a UE e Síria e vice-versa. Com o controlo mais efetivo dos países europeus, sobre os movimentos dos cidadãos, é possível que as rotas de migração ilegal sejam mais utilizadas para o trânsito daqueles combatentes, devido aos menores custos e riscos de deteção (Ibidem). Face às medidas legais impostas pelos países aos combatentes que pretendem regressar, é provável que esses se reinstalem fora dos seus países (Ibidem).

Na tabela seguinte constata-se que os imigrantes ilegais que tentam ultrapassar a fronteira externa da UE são, principalmente, provenientes de países problemáticos como a Síria, Eritreia, Afeganistão, Mali e Nigéria. Neste, o grupo jihadista *Boko Haram* jurou fidelidade, em 07/03/2015, a al-Baghdadi, perpetrando atos de terror do tipo que o IS tem executado na Síria e no Iraque, gerando deslocados e refugiados.

Figure 4. Deteções de passagens ilegal de fronteira em 2014, por rota, com variação percentual relativa a 2013



Fonte: Frontex (2015, p. 19).

Tabela 3. Número de imigrantes ilegais, detetados em pontos de controlo, nas fronteiras externas da Europa, por rotas e pelos dez países com mais emigrantes

	2011	2012	2013	2014	Share of total	% change on prev. year
All Borders						
Syria	1 616	7 903	25 546	79 169	28	210
Eritrea	1 572	2 604	11 298	34 586	12	206
Unspecified sub-Saharan nationals	0	0	0	26 341	9.3	n.a.
Afghanistan	22 994	13 169	9 494	22 132	7.8	133
Kosovo*	540	990	6 357	22 069	7.8	247
Mali	2 602	657	2 887	10 575	3.7	266
Albania	5 138	5 651	9 021	9 323	3.3	3.3
Gambia	599	553	2 817	8 730	3.1	210
Nigeria	6 893	826	3 386	8 715	3.1	157
Somalia	3 011	5 038	5 624	7 676	2.7	36
Others	96 086	35 046	30 935	54 216	19	75
Total all borders	141 051	72 437	107 365	283 532	100	164
Land Border						
Kosovo*	540	990	6 350	22 069	35	248
Syria	1 254	6 416	8 601	12 471	20	45
Afghanistan	20 396	9 838	4 392	9 445	15	115
Albania	5 076	5 460	8 833	9 268	15	4.9
Palestine	652	1 195	723	984	1.6	36
Iraq	1 094	1 027	413	939	1.5	127
Mali	118	235	651	786	1.2	21
Cameroon	152	80	125	755	1.2	504
Pakistan	13 781	3 344	3 211	555	0.9	-83
Guinea	123	64	161	394	0.6	145
Others	26 693	20 534	13 732	5 672	9	-59
Total land borders	69 879	49 183	47 192	63 338	100	34
Sea Border						
Syria	362	1 487	16 945	66 698	30	294
Eritrea	680	1 942	10 953	34 323	16	213
Unspecified sub-Saharan nationals	n.a.	n.a.	n.a.	26 341	12	n.a.
Afghanistan	2 598	3 331	5 102	12 687	5.8	149
Mali	2 484	422	2 236	9 789	4.4	338
Gambia	511	514	2 722	8 642	3.9	217
Nigeria	6 380	575	2 870	8 490	3.9	196
Somalia	1 513	3 480	5 054	7 440	3.4	47
Palestine	251	448	1 351	6 418	2.9	375
Senegal	453	145	1 391	4 769	2.2	243
Others	55 940	10 910	11 549	34 597	16	200
Total sea borders	71 172	23 254	60 173	220 194	100	266

* This designation is without prejudice to positions on status, and is in line with UNSCR 1244 and the ICJ Opinion on the Kosovo declaration of independence.

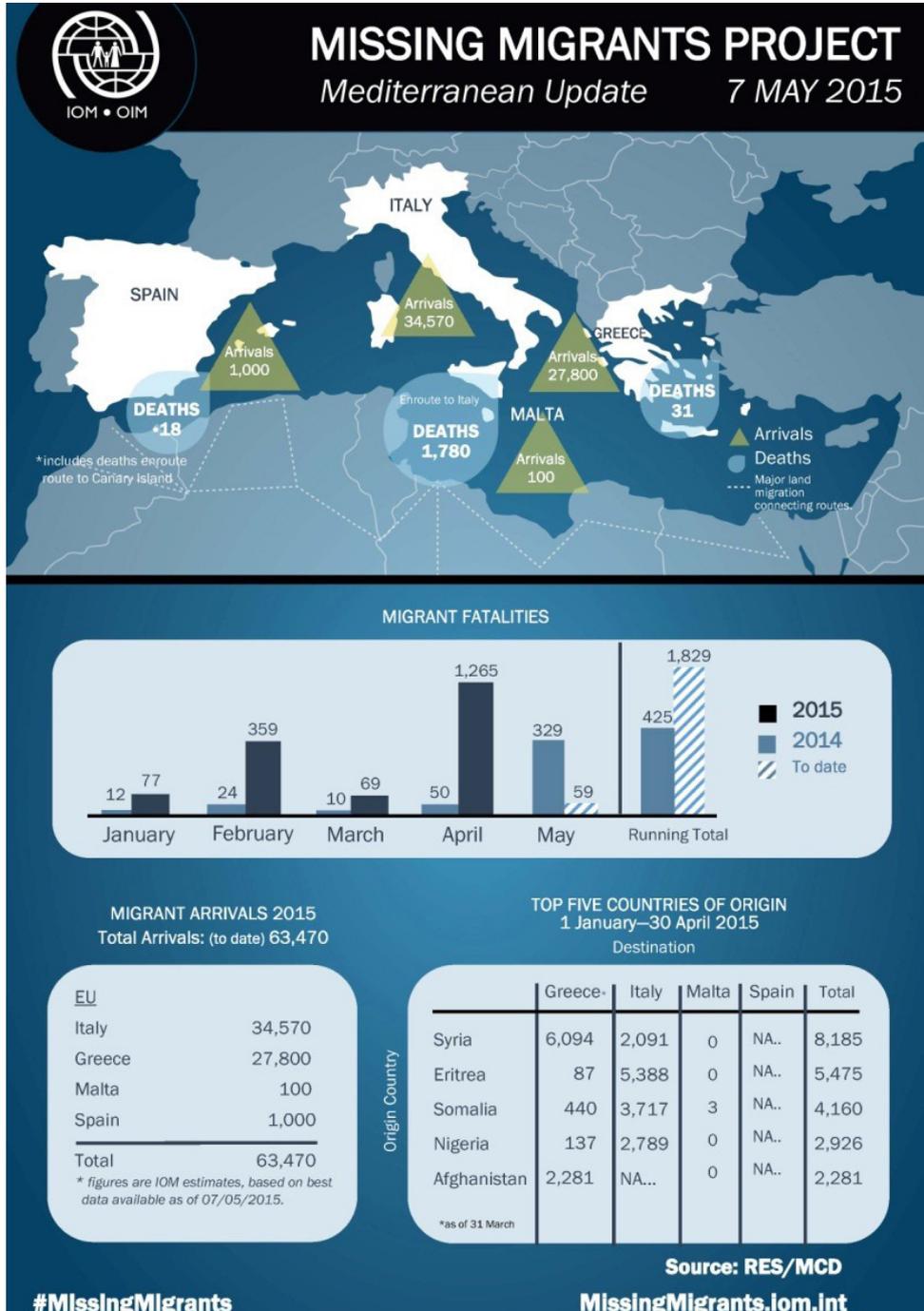
Fonte: Frontex (2015, p. 57).

A migração ilegal tem transformado o Mediterrâneo num cemitério, pois, frequentemente, as pateras transportam, sem segurança, cidadãos para além da lotação permitida. A figura seguinte ilustra o número de desaparecidos no Mediterrâneo, durante 2015 e até 07/05/2015, ressaltando-se o incremento dessas fatalidades, procurando a UE soluções para tal. A solução efetiva não está nas medidas de apoio aos embarcados/ naufragos, devendo antes incidir sobre as situações nos países de emigração.

3 DESAFIOS À EUROPA PROVOCADA PELA AMEAÇA

O IS tem um discurso ideológico *jihadista*, pretendendo, com ele, atingir objetivos políticos, no interior e no exterior da organização. O discurso, as práticas e as convicções do IS dificultam o encontro de plataformas comuns com o Ocidente. As culturas, sendo diferentes, chocam nos seus princípios, provocando

Figure 4. Deteções de passagens ilegal de fronteira em 2014, por rota, com variação percentual relativa a 2013



Fonte: Frontex (2015, p. 19).

ruturas de diálogos. A existência do diálogo é o reconhecimento do outro. E o radicalismo do IS não lhe permite reconhecimentos para além dele próprio. Assim, o radicalismo do IS coloca ao Ocidente o desafio de saber como deve lidar com ele. A compreensão do seu pensamento e cultura pode ajudar nesse desafio, mas só há comunicação se os interlocutores quiserem. A dificuldade intelectual de aceitar o pensamento e cultura do outro bloqueia o diálogo, surgindo, geralmente, tendências para se ignorar o outro. O diálogo pode não existir, por ação do IS, mas o Ocidente não o pode ignorar nem ao seu radicalismo.

O secularismo do Ocidente, o seu sistema político “vestefaliano”, o seu conceito de democracia, a sua matriz jurídica são para o IS instrumentos de apostasia. Assim, torna-se difícil para o Ocidente encontrar dimensões comuns, capazes de sustentar conversações. Num processo de conversação a cedência é normal, mas o IS não aceita ceder. Como diz Graeme Wood “...é difícil saber quão prejudicado o El será pelo seu radicalismo.” (WOOD, 2015, p. 19)¹¹. Mas também não sabemos quão ele pode prejudicar o Ocidente. Poderá, contudo, esse radicalismo ser a arma para implodir o IS?

A vulgarização do terror tem perturbado o Ocidente, em especial quando a violência atingiu os ocidentais e os mapas já referidos foram difundidos. O *Daesh* olha para o Ocidente e os horrores ficaram mais próximos dele. Surge, então, a apreensão, a insegurança e a insegurança, pelo imaginário de que as depravações de sangue possam chegar ao Ocidente. E o medo e a instabilidade emocional são, também, objetivos do IS. Tais emoções podem levar a Europa a envolver aquela região numa redoma, cessando relações comerciais e industriais, não se solidarizando com os que ali sofrem e não enviando ajuda. Tal contribuirá para a concretização de objetivos do IS, como o de expulsar os “estrangeiros/infieis/cruzados” das terras muçulmanas. Mas continuarão os atentados aos direitos humanos, os refugiados e outros anátemas e isso não contribuirá para a segurança¹² europeia, pois o IS almejará outros domínios, nomeadamente na Europa.

A *Alqaeda* incute na Europa mais insegurança do que o IS, pela sua clandestinidade e imprevisibilidade de atuação. Contudo, o *Daesh* também pode perpetrar, pontualmente, ataques terroristas fora da Síria/Iraque, como ilustra o ataque, em 03/05/2015, em Garland, nos subúrbios de Dallas, no Texas, executado por dois seus combatentes, contra um concurso de caricaturas do Profeta (SANTOS, 2015).

O uso das novas tecnologias pelo IS ameaça a Europa, pois confere-lhe maior alcance de influência, de poder de recrutamento e de doutrinação. Não há lugar

com internet e um computador que esteja livre do IS. Os valores europeus de liberdade e democracia são portas de entrada para tais ameaças. Coloca-se, assim, o dilema de prosseguir com tal coerência ou cerceá-la para dificultar o acesso do IS. Alguns países já monitorizam as redes sociais, para detetar, em tempo, as ameaças, sendo isso alvo da crítica dos puristas das liberdades da comunicação/expressão.

O recrutamento e o doutrinação do IS feitos, na Europa, nas prisões, nas *madrassas* e em centros sociais muçulmanos, aumentam a sua insegurança e a insegurança, por o perturbador já fazer parte da sociedade europeia, convivendo, diariamente, connosco. Na Síria/Iraque houve vizinhos de há longo tempo, com quem se convivia com amizade e solidariedade que, no início dos conflitos, por motivações religiosas, se tornaram algozes uns dos outros. Esses exemplos colocam a Europa mais atenta e desconfiada, surgindo manifestações contra a comunidade islâmica, como as que aconteceram após o ataque, em França, em 07/01/2015. Os ataques ao semanário *Charlie Hebdo* empolgaram os movimentos de extrema-direita, surgindo líderes – como da Frente Nacional na França, do *Ukip* no Reino Unido, do *Pegida* na Alemanha, ou do *PVV* na Holanda – a contestar as políticas do multiculturalismo, a capacidade islâmica para aceitar a democracia, apelando à «de-islamização» do Ocidente e ao fim da imigração islâmica (DUARTE, 2015). Segundo uma sondagem da *Bertelsmann* divulgada em 08/01/2015, cinquenta e sete por cento dos alemães não muçulmanos vêm no islamismo uma ameaça; sessenta e um por cento (em 2012 eram cinquenta e dois por cento) afirmam que o Islamismo é incompatível com a vida no Ocidente; quarenta por cento não se sentem em casa no seu próprio país, face à sua islamização e um quarto dos alemães afirma que a Alemanha não deveria permitir mais imigração muçulmana (BERTELSMANNSTIFTUNG, 2015). Apesar desta sondagem incidir sobre um país específico, pode revelar tendências de perceção da população europeia não muçulmana.

Incidentes como o de Dallas, ou de Paris só irão acutilar o xenofobismo, o racismo e o radicalismo ideológico, nomeadamente da extrema-direita, dando razões aos seus argumentos, mesmo que tais ataques sejam instrumentalizados para ganhos políticos, como afirmou Thomas de Maizière, do CDU alemão, completando que “...os ataques nada têm a ver com o Islão” (apud DUARTE, 2015). Só que, estando envolvido o IS, tais ataques têm a ver essencialmente com a religião.

O IS gerou uma das maiores migrações de voluntários de guerra «internacionalistas» de que há memória nas últimas décadas (ROGEIRO, 2015, p. 97). A imigração para a Síria/Iraque descapitaliza a Europa da sua juventude, que poderia contribuir para a sua sociedade, com o seu saber e a sua força de trabalho, reduzindo a mole intelectual e social dos países e

¹¹ “El” significa IS.

¹² Seguridade “...exprime a tranquilidade de espírito, nascida da confiança que se tem...de que não há perigo...” (COUTO, 1988, p. 38).

ressaltando as vulnerabilidades das políticas educacionais, de profissionalização e sociais. Nunca a Europa teve um tão elevado índice de juventude capacitada. Só que tal não tem sido acompanhado por oportunidades de emprego, motivações e satisfações de expectativas lícitas da vida. Além disso, os países têm proporcionado formações acadêmicas desadequadas às suas necessidades de trabalho, aumentando as taxas de desemprego e de desmotivação. E essa juventude capacitada e sem esperança é mais facilmente recrutável pelo radicalismo *jihadista*.

Um outro domínio de recrutamento do radicalismo está nas segundas e terceiras gerações da imigração muçulmana para a Europa, geradas nos anos 60 e seguintes do século passado, por lhes serem oferecidos valores acreditados como sendo os da sua identidade. Essas gerações têm colocado em causa as teorias da sociologia do multiculturalismo ou da assimilação, pois vão à procura, no passado dos seus avós, da sua identidade, negando a integração por aculturação ou inculturação.

A declaração de um califado coloca à Europa o desafio de saber negar a sua entidade política e de invalidar o seu racional. O IS não é reconhecido por algum Estado. Contudo, já existem organizações *jihadistas* de países¹³ que lhe juraram fidelidades. Se esses grupos assumirem os destinos desses Estados, como pode acontecer naqueles que se encontram em situação de falhado, poderá haver Estados a reconhecer o IS, havendo dúvidas se eles, nessas condições, são Estados legítimos e de Direito. Isso seria embaraçoso para o mundo. A posse de território e a existência de uma população e de uma organização de Estado podem conferir um carácter, implícito e não reconhecido, de entidade política ao IS, praticando valores incompatíveis com a modernidade. Porém, haverá sempre quem pergunte qual o moral do Ocidente para invalidar racionais e negar valores a organizações radicais, quando pratica outros racionais e valores que são discutíveis na própria cultura ocidental, como a pena de morte ou a aceitação da tirania, pelo dever de não ingerência nos assuntos de outros Estados? Essas críticas, contudo, enfermam do erro de considerarem esses princípios como universais na cultura ocidental, não o sendo, enquanto os valores e racionais do IS são, por imposição religiosa, o sustentáculo da organização.

Não existe califado sem território, cabendo ao califa o dever de o alargar, sob pena de pecar. Esse dever de sobrevivência leva o IS a olhar para outros domínios para além da Síria/Iraque, sendo, já, uma ameaça à segurança internacional. Só há duas formas, em teoria, de neutralizar uma ameaça: atuando sobre as possibilidades de ocorrência de um ato ou sobre a intensão de se perpetrar esse ato. No caso do IS, o “ato” de conquista é inerente à organização, pois a lei islâmica

não permite acordos ou fronteiras permanentes, exigindo o alargamento perpétuo do califado. Assim, a intenção e a procura da possibilidade são a essência e a natureza do IS e do califado. Portanto, só se conseguirá debelar esta ameaça com o fim do califado e do IS.

O regresso de combatentes aos seus países desafia a Europa a admitir o risco de os aceitar, podendo importar o radicalismo, ou lhes negar a pátria, exportando esse radicalismo para outras partes. Os apátridas, não podendo contactar as suas famílias ou amigos, podem ver-se obrigados a continuarem no radicalismo, nos locais de conflitos ou noutros, ou podem ficar itinerantes pela Europa/mundo, ou fixar-se em outros países. Abandonar a área de conflito não significa abandonar a organização ou o radicalismo. Já a aceitação desses cidadãos pelos seus países pode proporcionar o controlo sobre os seus passos e a neutralização do seu radicalismo.

O aumento de refugiados tem incrementado as migrações ilegais, sem que isso seja uma ameaça à Europa. A ameaça advém do que é «transportado no banco de trás desse veículo». Atrás da migração ilegal vem mais migração ilegal, das famílias que ficaram para trás e que querem reunir-se a quem deu o «salto» primeiro. Vem a criminalidade, abraçada por quem entra em contextos diferente dos seus e que só na ilegalidade encontra a sua subsistência, ou por quem se aproveita desses para enriquecer. Vem os problemas de integração, cultural, religiosa, profissional e social, renegando os imigrantes para o ostracismo, a marginalidade e o radicalismo. Vem o desencanto e a desilusão por se ter acreditado num paraíso e se ter encontrado um purgatório, surgindo a revolta e o radicalismo. Vem o terrorismo e mais radicalismo, por muitos desses migrantes já pertencerem a seitas *jihadistas*. Vem a pressão social interna da opinião pública e das organizações xenófobas e racistas.

A migração interessa à Europa, pois colmata vulnerabilidades da segurança social e o envelhecimento da população. As Figuras 6 e 7 seguintes mostram-nos que a Europa está a envelhecer e a sua população está a diminuir.

Envelhecendo a população, haverá mais aposentados e menos contribuintes para a segurança social. A migração poderá contribuir para mitigar esta redução. Além disso, esses imigrantes tendem a desenvolver tarefas menos pretendidas pelos europeus, colmatando deficiências nesse domínio.

A migração coloca a seguinte dúvida à Europa: onde termina o estatuto de refugiado e começa o de imigrante? Coloca-lhe, ainda, um dilema: devolver os migrantes ilegais, condenando-os a destinos inumanos, senão à morte, ou assumir riscos e as consequências de os receber no território?

Como se verificou, as características do IS podem impor desafios à Europa que exigem estratégias e LA para lhes fazer frente.

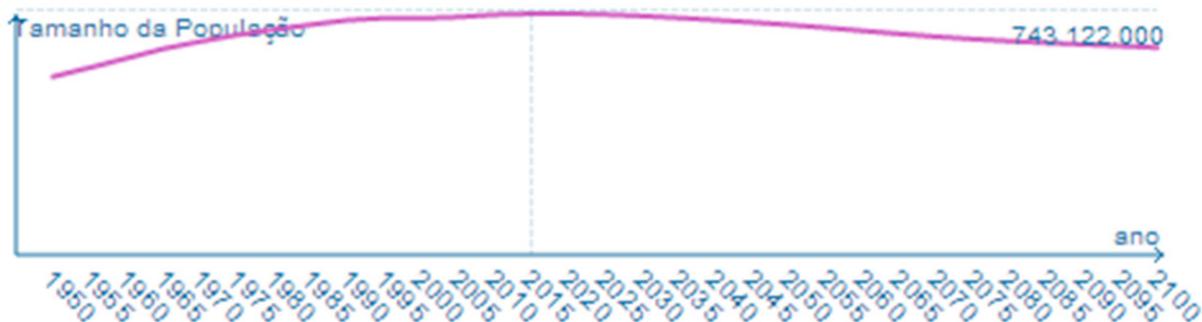
¹³ Como Iémen, Egito, Argélia, a Nigéria e a Líbia.

Figure 6. Pirâmide de idades da Europa (2000-2015)



Fonte: Wulf (2012).

Figure 7. Evolução do tamanho da população na Europa



Fonte: Wulf (2012).

4 LINHAS DE AÇÃO EUROPEIAS DE COMBATE À AMEAÇA

Os atentados de 07/01/2015, em França, relembrando-nos que o terrorismo não tem fronteiras, fizeram com que os Ministros do Interior da UE, reunidos informalmente em Riga, em 29/01/2015, procurassem soluções securitárias, tais como: a manutenção dos registos, por cinco anos, dos passageiros de avião, mesmo que sobre eles não impenda qualquer suspeita, medida de difícil aprovação no Parlamento Europeu, por existirem reservas quanto aos direitos de privacidade (LOS 28 ..., 2015); o incremento do controlo nas fronteiras exteriores da UE e, esporadicamente, por parte dos países no seu espaço; o controlo dos tráficos de armas e de fluxos financeiros; o reforço da cooperação e da troca de informações; e a monitorização das redes sociais. Nesse âmbito, o Reino Unido, desde 30/01/2014, possui legislação que lhe permite retirar a nacionalidade a quem lesou o país e que, tendo nascido no estrangeiro, possua a naturalização inglesa, pois considera a cidadania um privilégio (MINISTRA..., 2014). Cameron declarou, no período pré-eleitoral, que, ganhando, em 2015, as eleições - o que aconteceu -, implementaria legislação que permitisse aceder, pelos organismos de segurança, a mensagens encriptadas, método utilizado pelos *ihadistas* nas suas comunicações (PEREIRA, 2015). A Espanha equacionou a aresto da nacionalidade aos seus cidadãos que fossem combater para zonas de conflito e incorporou normas relativas aos “lobos solitários”¹⁴. A Alemanha tem retirado os passaportes a cidadãos adeptos do *ihadismo*, substituindo os seus bilhetes de identidade por outros com a indicação da proibição de viajar para o exterior.

Aquelas medidas procuram “blindar” os países ao terrorismo. Contudo, o IS prefere a confrontação direta, almejando combates apocalípticos com grande atrição, pois para ele quem morre pela ideologia é considerado «mártire», com o sentido que o Ocidente pronuncia «herói». Há, assim, que entender “...a genealogia intelectual do Estado Islâmico se queremos uma resposta que o ajude a auto imolar-se pelo seu próprio excesso de zelo.” (WOOD, 2015, p. 15). Estando a UE ciente que o IS não se combate só com aquelas medidas, apelou, em 12/02/2015, em sessão plenária do Parlamento Europeu, a uma estratégia regional para combater o IS (PARLAMENTO EUROPEU, 2015). Mas que estratégia?

A orgia de terror difundida pelo IS visa forçar o acontecimento da “tal” batalha em *Dabiq*. A tendência natural do Ocidente é responder à provocação do *Daesh* projetando “cruzados” para a Síria/Iraque. Sendo isso que o IS almeja, será essa solução sensata?

No discurso de *al-Baghdadi*, de 13/11/2014, há duas referências importantes: a primazia ao combate contra os xiitas e os sauditas e, só depois, contra os “cruzados”, definindo a prioridade dos ódios; o envio próximo de soldados ocidentais para a região, ilustrando

a obsessão do confronto direto. Elas induzem-nos que se deve: explorar a previsibilidade do IS, assente no apocalíptico e na intransigência, contrariando as expectativas; fazer implodir o IS, pelo seu radicalismo, ânsia e por ver todos como inimigos. Assim, esta não é uma guerra da Europa contra o IS, mas antes do mundo em coligação - o que envolve os países muçulmanos -, contra o *Daesh*.

Uma das LA é a da coligação empenhar, na região de conflito, forças. Os ataques aéreos da atual coligação contra o IS têm limitado a conquista de território, sem derrotar. Para tal será necessário tropas na Síria/Iraque, como é pretendido pelo IS. Assim, deve-se atuar com elevada intensidade, projetando um potencial de combate bem superior, em volume e capacidades, aos da IS, procurando-se a sua destruição rápida para, rapidamente, o descredibilizar. Deve-se transmitir a mensagem de que se pretende combater o EI e não o Islão, e procurar, antes da intervenção, o comprometimento e o apoio dos sunitas. Será sensato preservar, o mais possível, os xiitas e israelitas de projetar forças para o conflito, para não o polarizar em torno da religião. A ação na Síria/Iraque teria de ser acompanhada pela intervenção em outros Estados, nomeadamente na Líbia¹⁵, contra os grupos fiéis ao califado, para não poderem projetar combatentes para aquela região. Esta linha de ação tem vulnerabilidades, como sejam:

- A intervenção atrairá à região bastantes *ihadistas*, prontos a combater e morrer pelo IS, devendo os Estados controlar os radicais dos seus países;
- A operação militar poderá prolongar-se com elevada atrição;
- O conflito pode alastrar-se, abruptamente, aos Estados vizinhos;
- Uma intervenção na Síria/Iraque já é uma vitória para o IS, motivando, inicialmente, os seus combatentes;
- A população muçulmana pode ver a intervenção como uma “cruzada” reagindo contra ela;
- Uma operação dessa envergadura traz dificuldades de coordenação e de desenho operacional, exigindo representações multinacionais, nos centros de decisão/planeamento, equilibradas e representativas, para evitar fraturas na colisão.

Esta LA é muito dispendiosa, mas o debelar de uma ameaça à segurança internacional não tem preço. Além disso, incorpora uma potencial dificuldade: só será executada sob mandato do CS/ONU, onde a Rússia e a China têm bloqueado intervenções militares. Porém, o IS também é uma ameaça a esses países, o que pode consciencializá-los para a resolução.

Esta linha de ação tem a vantagem de se poder conquistar rapidamente território na posse do IS, acelerando-se a sua implosão, pois um califado sem território não existe, tendendo os seus acólitos para a desmobilização.

¹⁴ Células *ihadistas* adormecidas, em território estrangeiro, nomeadamente espanhol, prontas para atentados terroristas.

¹⁵ Atualmente é um Estado em situação de falhado e uma autoestrada, sem portagem, de acesso à Europa, não tendo os dois governos e parlamentos que lá existem controlo sobre a totalidade do seu território.

Existe, ainda, outra LA: é a da coligação resistir o mais possível à tentação, de enviar tropas para o terreno e às provocações do IS; secar as fontes de financiamento, empobrecendo-o o mais possível; promover e apoiar, sem envolvimento direto, uma guerra contra o IS, na Síria/Iraque, através dos países muçulmanos, nomeadamente dos pertencentes ao Conselho de Cooperação do Golfo¹⁶; apoiar as intervenções dos curdos e dos *xiitas*, equilibrando-as com a ação sunita, evitando fraturas no empenhamento; formar, equipar, treinar e financiar forças árabes, nomeadamente do Iraque e do Curdistão¹⁷; impedir o recrutamento e a projeção de aderentes ao IS, para a região; e promover o combate às fações fiéis ao IS, através da ação dos países onde se localizam.

Esta LA privilegia a erosão do IS, secando-o e combatendo-o de forma indireta, contrariando o enfatizado no discurso de *al-Baghdadi*, pois não contempla o envio de “cruzados” para o terreno e obriga o IS a empenhar-se contra uma conjunto de países muçulmanos, sem olhar às suas prioridades. Resistindo às suas provocações, a coligação não facilitará ao IS o atingir dos objetivos apocalípticos, impedindo-o de alargar os seus domínios, empobrecendo-a, não lhe dando oportunidade para a «batalha contra os cruzados», desmoralizando os seus seguidores e fazendo-a implodir por descrédito. Contudo, tem vulnerabilidades que importam equacionar, tais como:

- A multiculturalidade da coligação pode constituir uma linha de fratura, se esta não se concentrar na implosão do IS;
- É uma guerra muito prolongada no tempo, em que deixa ao IS alguma liberdade de atuação;
- Parte da solução está na ação dos países da região, sabendo-se que nem sempre as relações entre eles têm sido as melhores;
- O IS, mais uma vez, pode alastrar o conflito na região, tendendo a arrastar para ele o Irão e Israel, provocando-os;
- O IS vai continuar a perpetrar atrocidades, até à sua implosão, devendo-se ponderar, em cada momento, face ao que se pretende, o que é admissível, sem colocar, nunca, de parte a possibilidade de uma intervenção em força;
- A opinião pública mundial pode não compreender a aparente passividade do Ocidente, surgindo a crítica e o descrédito;
- A demora na obtenção do resultado final pode desmotivar quem combate no terreno e dar tempo a que mais grupos *jihadistas* declarem a sua fidelidade ao IS, alargando a sua influência a outros países.
- Pode haver dificuldade em se detetar as fontes de financiamento e de fornecimento do IS. O IS vê os «outros» como inimigos, mas tem obtido de alguns armas

¹⁶ É constituído por *Arábia Saudita, Kuwait, Bahrain, Qatar e Emirados dos Árabes Unidos e Omã.*

¹⁷ Podendo ser um risco que se manifeste após a cessação deste conflito, por essas forças poderem usar o treino e o equipamento contra o Ocidente.

e dinheiro, o que é um paradoxo.

A grande dificuldade desta LA é o Ocidente aceitar as provocações do IS, sem reagir projetando forças, e saber até quando isso é aceitável. A sua grande vantagem é que se evita um confronto direto que pode ser causador de elevadas atuições e de milhares de mortos e de vítimas.

O Ocidente deve combinar estas LA com a reflexão sobre as suas políticas sociais, académicas e motivacionais, desviando a sua juventude do radicalismo e o seu povo da xenofobia e do racismo. Deve, ainda, refletir por que razão a contrainsurgência foi bem-sucedida, no Iraque em 2007, com o General David Petraeus e hoje não pode ali ser aplicada. Para além das políticas sectárias de ex-1º Ministro Maliki, que ostracizou os sunitas, dificultando, hoje, a conquista dos seus «corações e mentes», as razões estão, também, em que o Ocidente não sobe abandonar o Iraque deixando-o estável, “construído” e inclusivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje não há dúvidas sobre o IS. Ele ameaça o mundo, pois a sua natureza leva a olhá-lo através da sua interpretação do Livro. A sua religiosidade orienta o seu destino, mas será o seu radicalismo a determiná-lo. É interessante constatar que é pelo radicalismo religioso que o mundo se vê confrontado em nuclearizar-se em torno de uma causa, envolvendo cidadãos de todas as religiões e secularistas, sem olhar a ideologias religiosas, pois o motivo é imperativo: neutralizar o radicalismo *jihadista*, acabar com o ódio e as orgias de terror. Pode ser que daí resulte um mundo melhor, mesmo que demore tempo. Para isso, não há espaço para se ignorar a realidade ou pensar que o problema é dos «outros», que estão na Síria/Iraque. O problema é do mundo.

Quatro últimos considerandos:

- O IS é uma ameaça à segurança internacional, que é mais incisiva para a Europa do que para os EUA. Para estes a *Al Qaeda* pode bem ser o inimigo mais importante. É crucial que os EUA continuem interessados em combater o IS, pois não haverá sucesso sem as suas capacidades;
- A Europa, nomeadamente a UE, deve envidar esforços para resolver a situação da Líbia, de preferência convencendo os líbios a aceitar uma força de paz e a ajuda para a construção do Estado, pois esse país é um excelente campo de treino e de atuação de milícias, de terroristas, da criminalidade e do IS;
- O Ocidente tem de resistir à tentação de extravasar a guerra contra o IS para uma guerra contra os muçulmanos. Os julgamentos e veredictos devem basear-se nas ações e não na religião;
- Até ao momento o IS tem ridicularizado a *Al Qaeda*. O certo é que se o IS se aliar a *Al Qaeda*, o mundo tem um inimigo muito mais poderoso, sendo esta uma hipótese que não deve ser ignorada.

Enfim, os próximos tempos são de preocupação, mas também de esperança.

REFERÊNCIAS

- BERTELSMANNSTIFTUNG. **Muslims in Germany have close ties to Society and state.** [S. l.: s.n.], 2015. Disponível em: <<https://www.bertelsmann-stiftung.de/en/topics/aktuelle-meldungen/2015/januar/religion-monitor/>>. Acesso em: 12 março 2015.
- COUTO, A. C. **Elementos de Estratégia:** apontamentos para um curso. Lisboa: IAEM, 1988. 2.v.
- DUARTE, P. Extrema-direita ganha força com terrorismo islâmico. **Economico**, [S. l.], 9 jan. 2015. Disponível em: <http://economico.sapo.pt/noticias/extremadireita-ganha-forca-com-terrorismo-islamico_209549.html>. Acesso em: 12 mar. 2015.
- FRONTEX. **Annual Risk Analysis 2015.** Varsóvia: Frontex, 2015. Disponível em: <http://frontex.europa.eu/assets/Publications/Risk_Analysis/Annual_Risk_Analysis_2015.pdf>. Acesso em: 10 maio 2015.
- GLOBAL SECURITY. **Operation Inherent Resolve.** [S.l.]: Global Security, 2015. Disponível em: <<http://www.globalsecurity.org/military/ops/inherent-resolve.htm>>. Acesso em: 21 maio 2015.
- GOOGLE. Localização de Dabiq [S.l.]: Google, 2015. Disponível em: <<https://www.google.pt/maps/@36.4230144,36.7337197,10z>>. Acesso em: 12 mar. 2015.
- HUMAN rights: Yarmouk refugee camp, activists in Algeria and Nadiya Savchenko. **European Parliament News**, [S. l.], 30 abr 2015. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/news/en/news-room/content/20150424IPR45744/html/Human-rights-Yarmouk-refugee-camp-activists-in-Algeria-and-Nadiya-Savchenko>>. Acesso em: 08 maio 2015.
- LORENA, S. Eficácia de alas especiais para detidos radicais questionada por imãs e acadêmicos. **Público**, [S. l.], 18 jan. 2014. Europa em Alerta, p. 8-9.
- LOS 28 apoyan control sistemático de ciertas personas tras ataques de París. **EuroNews**, [S. l.], 29 jan. 2015. Disponível em: <<http://es.euronews.com/teletipos/2908786-la-ue-coordina-su-respuesta-antiterrorista-tras-los-atentados-de-francia/>>. Acesso em: 30 janeiro 2015.
- MINISTRA britânica quer retirar nacionalidade a suspeitos de terrorismo. **Visão**, [S. l.], 30 jan. 2014. Disponível em: <<http://visao.sapo.pt/ministra-britanica-quer-retirar-nacionalidade-a-suspeitos-de-terrorismo=f767253>>. Acesso em: 30 nov. 2014.
- MISSING MIGRANTE PROJECT. **Missing Migrants Project:** mediterranean update - 7 May 2015. Genebra: IOM, 2015. Disponível em: <<http://missingmigrants.iom.int/>>. Acesso em: 10 maio 2015.
- NEUMANN, P. R. Foreign fighter total in Syria/Iraq now exceeds 20,000; surpasses Afghanistan conflict in the 1980s. **ICSR**, [S. l.], 16 jan. 2015. Disponível em: <<http://icsr.info/2015/01/foreign-fighter-total-syriairaq-now-exceeds-20000-surpasses-afghanistan-conflict-1980s/>>. Acesso em: 18 abr. 2015.
- OBAMA, B. **Statement by the President on ISIL.** Washington, D.C.: The White House, 2014. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2014/09/10/statement-president-isil-1>>. Acesso em: 18 jan. 2015.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **A more secure world: our shared responsibility.** Nova Iorque: ONU, 2004. Disponível em: <http://iis-db.stanford.edu/pubs/20806/A_More_Secure_World_.pdf>. Acesso em: 12 maio 2015.
- PARLAMENTO EUROPEU. Crise humanitária no Iraque e na Síria: Parlamento Europeu apela a conferência de doadores. **Comunicado de Imprensa**, Sessão plenária, 12 fev. 2015. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/infopress/20150206IPR21202/20150206IPR21202_pt.pdf>. Acesso em: 6 maio 2015.
- PEREIRA, A. F. Avalancha de medidas na Europa. **Público**, [S. l.], v. 25, n. 9043, p. 19, 17 jan. 2015.
- PIETERVANOSTAEYEN. **Audio Message by Abu Bakr al-Baghdadi – Even if the Disbelievers Despise Such.** [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <<https://pietervanostaeyen.wordpress.com/2014/11/14/audio-message-by-abu-bakr-al-baghdadi-even-if-the-disbelievers-despise-such/>>. Acesso em: 8 maio 2015.
- PINTO, J. N. **O Islão e o Ocidente:** a grande discórdia. Alfragide: D. Quixote, 2015.
- ROGEIRO, N. **O Mistério das Bandeiras Negras.** Lisboa: Verbo-Babeç, 2015.
- SANTOS, M. Estado Islâmico reivindica ataque no Texas. **Observador**, [S.l.], 5 maio 2015. Disponível em: <<http://observador.pt/2015/05/05/estado-islamico-reivindica-ataque-no-texas/>>. Acesso em: 12 maio 2015.
- SOUSA, F. X. F. D. **Os novos desafios de segurança do norte de África.** Lisboa: Centro de Investigação de Segurança e Defesa, 2014.

STERN, J.; BERGER, J. M. **Estado Islâmico: Estado de Terror**. [S.l.]: Editora-Vogais, 2015.

THIRDPOSITION. **Roadmap: the goal of a unified**. [S.l.]: Twitter, 2014. Disponível em: <https://twitter.com/Third_Position/status/478626230418173952/photo/1>. Acesso em: 2 maio 2015

VARGHESE, J. ISIS Five-Year Mapa Plano de Expansão Mostrando Fronteira até a Coréia do Norte é um embuste. **International Business time**, [S.l.], 2 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ibtimes.co.in/isis-five-year-expansion-plan-map-showing-borders-till-north-korea-hoax-603523>>. Acesso em: 2 maio 2015.

WOOD, G. O que quer o Estado Islâmico? **Revista 2**, Lisboa, p. 14-21, 29 mar. 2015.

WULF, M. D. **Pirâmides Populacionais do Mundo desde 1950 até 2100**. [S.l.: s.n.], 2012. Disponível em: <<http://populationpyramid.net/pt/europa/>>. Acesso em: 10 maio 2015.

Recebido em 12 de junho de 2015
Aprovado em 14 de agosto de 2015